

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA

Associativismo Lésbico e Bissexual em Portugal: Lugares de Diversidade e Construção

Paola Lucia Lopes Silveira

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ASSOCIATIVISMO LÉSBICO E BISSEXUAL EM PORTUGAL: LUGARES DE
DIVERSIDADE E CONSTRUÇÃO**

Paola Lucia Lopes Silveira

Outubro 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Sara Isabel Magalhães (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Quando eu tiver forças de ficar sozinho e mudo — então soltarei para sempre a borboleta do casulo. E mesmo que só viva um dia, essa borboleta, já me serve: que esvoe suas cores brilhantes sobre o brilho verde das plantas num jardim de manhã de verão. Quando a manhã ainda é cedo, se parece igual a uma borboleta leve. O que há de mais leve que uma borboleta?

Borboleta é uma pétala que voa.

(Lispector, 1971)

Dedico este trabalho à Dona Eva, a minha primeira e inesquecível amiga portuguesa. Gostaria que ainda estivesse aqui, mas sigo grata por ter te conhecido e aprendido tanto contigo.

Agradeço, sobretudo, as minhas grandes e maravilhosas mulheres: Clarice, Fabiana e Letícia. Obrigada por tornarem o *meu* mundo mais bonito.

Agradeço à Doutora Sara por toda a orientação, compreensão, disponibilidade e empatia ao longo desses anos de trabalho.

Agradeço a todas as mulheres participantes deste estudo pela confiança e por me ajudarem a finalizar este ciclo importante da minha vida.

E a todas as pessoas queridas que passaram (e passarão) por mim ao longo dessa árdua, mas belíssima jornada que é a psicologia. Que esse seja apenas o começo.

Obrigada!

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo explorar as percepções de mulheres lésbicas e bissexuais ativistas em Portugal no que toca às suas vivências em associações LGBTI+. Centra-se, essencialmente, no impacto dessas experiências no âmbito da integração e representação social das mulheres participantes. Desta forma, a presente pesquisa visa oferecer maiores contributos e visibilidade ao ativismo lésbico e a questões intergeracionais LGBTI+ em contexto português, ao considerar serem ambos pouco mencionados na literatura científica.

Para alcançar os objetivos definidos, adotou-se uma metodologia qualitativa, concretizando-se entrevistas semiestruturadas com sete mulheres ativistas que se autoidentificam como lésbicas ou bissexuais, residentes em Portugal. A análise dos dados avança através da análise temática de Braun e Clarke (2006), permitindo identificar temas relevantes nas experiências relatadas.

Entre os resultados centrais encontrados, destaca-se a importância representada pelo associativismo na defesa contra a discriminação e inclusão da diversidade, fortalecendo o sentido de comunidade e a criação de redes de apoio e de trocas entre diferentes gerações. No entanto, também surgem desafios, como a invisibilidade e a falta de representatividade de grupos específicos dentro da comunidade.

Conclui-se, por fim, que as associações assumem um papel relevante no acolhimento e fortalecimento da comunidade de mulheres lésbicas e bissexuais inseridas em contexto português. Se destaca, entretanto, a necessidade de maior interseção e visibilidade do ativismo lésbico e bissexual (Ferreira, 2015) e a urgência em continuar investigando o processo de envelhecimento das mulheres lésbicas e bissexuais.

Palavras-chave: Associativismo; Mulheres lésbicas e bissexuais; Construção de comunidade; Diferentes gerações; Diversidade

Abstract

This dissertation aims to explore the perceptions of lesbian and bisexual women activists in Portugal regarding their experiences in LGBTI+ associations. It focuses primarily on the impact of these experiences in terms of the social integration and representation of the women involved. In this way, the present research aims to provide greater contributions and visibility to lesbian activism and intergenerational LGBTI+ issues in the Portuguese context, considering that both are rarely mentioned in scientific literature.

To achieve the defined objectives, a qualitative methodology was adopted, with semi-structured interviews conducted with seven women activists who self-identify as lesbian or bisexual and reside in Portugal. Data analysis is carried out through Braun and Clarke's (2006) thematic analysis, allowing for the identification of relevant themes in the reported experiences.

Among the key findings, the importance of associations in defending against discrimination and promoting the inclusion of diversity stands out, strengthening the sense of community and creating networks of support and exchange between different generations. However, challenges also emerge, such as the invisibility and lack of representation of specific groups within the community.

In conclusion, it is found that associations play a significant role in welcoming and strengthening the community of lesbian and bisexual women within the Portuguese context. However, the need for greater intersectionality and visibility of lesbian and bisexual activism (Ferreira, 2015) is highlighted, as well as the urgency of continuing to investigate the aging process of lesbian and bisexual women.

Keywords: Associativism; Lesbian and bisexual women; Community building; Different generations; Diversity

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico.....	3
1.1. Associativismo	3
1.2. Mulheres no Associativismo	4
1.3 Movimentos LGBTI+	5
1.4. Associativismo lésbico e bissexual em Portugal	6
2. Metodologia	9
2.1. Objetivos de Investigação.....	9
2.2.Participantes	9
2.3. Método de Recolha de Dados	10
2.4. Método de Análise de Dados.....	11
3. Análise e Discussão de Resultados	13
3.1 Representações sobre Associações.....	13
3.1.1 <i>Lutas: Novas e Antigas Conquistas</i>	15
3.1.2 <i>Acolhimento e Pertencimento</i>	16
3.1.3 <i>Diversidade de Experiências</i>	17
3.1.4 <i>Convívio Geracional: O Papel das Diferentes Gerações</i>	17
3.2 Construção de Comunidade.....	18
3.2.1 <i>Discriminação</i>	19
3.2.2 <i>Apoio sentido entre Pares</i>	20
3.2.3. “Laranja na mesa”: <i>o valor da Partilha</i>	21
Reflexões Finais.....	23
Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas	28
Anexos	30
Anexo 1 – Protocolo de Recolha de Dados	30
Anexo 2 – Consentimento Informado	33
Anexo 3 – Arte para Divulgação das Entrevistas	33

Introdução

O projeto apresentado no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tem como principais objetivos adentrar e compreender as percepções das mulheres lésbicas e bissexuais ativistas inseridas em contexto português acerca das suas experiências de participações em associações e coletivos LGBTI+, com o propósito de verificar o impacto que essas vivências associativas têm a nível da sua representação e integração social. O que motivou a escolha dessa temática de estudo foram as considerações acerca da pouca produção científica existente essencialmente dentro do ativismo lésbico, sobretudo, em Portugal. Portanto, percebe-se esta uma oportunidade de contribuir e oferecer maior visibilidade a estas pessoas, assim como influenciar no fomento de futuros estudos neste âmbito.

Outra lacuna existente na literatura diz respeito ao envelhecimento das mulheres LGBTI+, ainda pouco mencionado e estudado, o que gera indagações sobre a qualidade de vida e as necessidades intrínsecas que as mulheres LGBTI+ mais velhas apresentam. Desta forma, o estudo apresentado busca também analisar a perspetiva de diferentes faixas etárias de mulheres lésbicas e bissexuais, participantes do ativismo LGBTI+ português, com o intuito de perceber como essas encaram as suas vivências de acordo com as gerações às quais pertencem. Além disso, este projeto pretende dar indicativos de caminhos possíveis para vivências mais integrativas e diversas, através da valorização do papel que o associativismo representa à inclusão e à partilha entre diferentes gerações e contextos sociais.

Na estrutura desta dissertação, primeiramente, há um Enquadramento Teórico subdividido em duas categorias. Na primeira, se aprofunda a temática do Associativismo, isto é, o seu conceito, a sua relevância e o seu impacto na vivência das pessoas. Depois, expõe-se o que a literatura retrata acerca da participação das Mulheres no Associativismo e dos movimentos LGBTI+, ou seja, quais são os impactos nas vivências femininas e *queers*, qual a sua repercussão a nível mundial e a nível do contexto específico, no caso, em Portugal.

Nas seções seguintes, há a Metodologia adotada e a Análise e Discussão dos Resultados. A fim de atingir os objetivos de pesquisa propostos, foi adotada uma Metodologia Qualitativa, sendo esta explícita posteriormente, na seção correspondente. Conta-se com a construção e condução de uma Entrevista Semiestruturada que se deu através da realização, em concreto, de sete entrevistas com mulheres que se identificam como lésbicas e bissexuais e com experiências de

ativismo em Portugal. Realizou-se a Análise Temática de Braun e Clarke (2006) para a análise e discussão dos temas significativos relatados pelas participantes.

Por fim, o projeto é encerrado com as Reflexões Finais e as Conclusões sobre as descobertas, as limitações do estudo e as sugestões para guiar novas e futuras pesquisas dentro da área.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Associativismo

As práticas de associativismo são caracterizadas por ações desenvolvidas por um conjunto de pessoas que se juntam e se organizam coletivamente, de forma voluntária e progressista, com o objetivo de atender a necessidades comuns. São intervenções constituídas de forma abrangente e multifacetada, dado desempenharem diferentes papéis e surgirem como organizações com diversos focos, recursos, princípios, formatos e campos de atuação (Lüchmann et al., 2017), mas quase sempre com um princípio central em comum: alcançar mudanças a nível do cenário social e político.

Segundo Rosa e Magalhães (2018), as ações ativistas podem ser interpretadas como uma maneira de produzir e adquirir conhecimento, uma vez que implica a partilha entre pessoas, o empenho, o pensamento crítico e a influência do meio. Além disso, vale ressaltar que o associativismo é um processo desenvolvido em diferentes momentos e contextos do percurso de vida (Ferreira, 2015), e por essa razão as motivações que levam uma pessoa jovem a participar de associações poderá diferir das motivações de uma pessoa mais velha. De acordo com a literatura, as pessoas mais jovens tendem a praticar o associativismo pela procura de identificação, enquanto as pessoas mais velhas tendem a se associar pelo apoio social encontrado (Hagai, 2023).

Há a formação de grupos associativos pequenos, como é o caso dos coletivos locais da comunidade/bairro que representam principalmente os grupos marginalizados da sociedade e lutam pela defesa dos seus direitos. Entretanto, também há a formação de grupos grandes e com interesses superiores, ao considerar as organizações sindicais e empresariais, por exemplo, conforme menciona Lüchmann et al. (2017).

É notório o papel influente e transformador da democracia exercido pelas associações e pelos movimentos sociais coletivos, para além de representar causas minoritárias e temas ainda pouco visíveis no domínio público, como causas ambientalistas, antirracistas, feministas e direitos LGBTI+, conforme cita Lüchmann et al. (2017). Embora os autores também enfatizem a relevância das práticas associativas em incentivar ações que buscam a inclusão social, transformando o meio de forma heterogênea e pluralizada, ainda se nota na literatura pouca concentração às associações tidas como pequenas, sendo essas, essencialmente e maioritariamente as que lutam e representam as causas minoritárias citadas – como é o caso da comunidade LGBTI+.

O associativismo tem se mostrado relevante nas vivências das pessoas ao demonstrar ser um potencial precursor do desenvolvimento pessoal e coletivo. Nota-se seu impacto na construção de pensamentos críticos acerca da realidade, na aprendizagem de competências socioemocionais e comunicacionais e na capacidade de tomar decisões assertivas (Rosa & Magalhães, 2018). No entanto, reconhece-se uma considerável dificuldade em definir com clareza o associativismo, uma vez que, segundo postula Lüchmann et al. (2017), a multiplicidade de práticas e características são tão abrangentes que é fácil recorrer em redundâncias e minimizar a sua totalidade.

1.2. Mulheres no Associativismo

Ao analisar a literatura, os movimentos femininos revelam particularidades sistemáticas que se diferenciam de outros movimentos sociais, principalmente no tocante às dinâmicas de estruturação e atuação, já que se apresentam menos robustas e hierárquicas (Cova et al., 2022). Tal modelo de dinâmicas favorece uma distribuição horizontal de ações e responsabilidades, de forma a permitir maior familiaridade, aproximação e colaboração entre as ativistas.

A consolidação das mulheres no ativismo, assim como a representação social dessas nos movimentos sociais e políticos veio tarde. Há uma crescente notoriedade e significância a nível político e social das práticas associativistas após o marco da conquista democrática em 1974 do dia 25 de abril (Cova, et al. 2022). Entretanto, antes disso, as mulheres passaram por um longo período de sofrimento, sendo doutrinadas profundamente com ideologias patriarcais e fascistas que as subordinavam. As autoras também pontuam a importância dos movimentos organizados concretizados por mulheres universitárias, uma vez que o acesso a educação às raparigas e às mulheres era muito limitado na época, sendo tais movimentos marcos essenciais de solidariedade e empatia entre as ativistas.

Segundo Madeira (2022), após 1974, houve marcos democráticos relevantes no que toca os direitos das mulheres em contexto português, mas ainda se visiona a desigualdade de género, atravessando diversas esferas políticas e sociais. O processo opressivo e o sofrimento subsequente acontecem de forma semelhante aos Movimentos LGBTI+, que também são fortemente impulsionados após o fim da ditadura em Portugal e surgem como forma de contestação à opressão sentida e frente às atitudes de carácter discriminatório no que toca a orientação sexual e a identidade de género das pessoas que não se identificavam com o que era imposto como normativo socialmente (Martins, 2016).

1.3 Movimentos LGBTI+

A história do ativismo LGBTI+ tem raízes profundas e repleta de ramificações, com marcos em momentos distintos na linha do tempo, a depender da legislação e política local de cada cultura/país. No entanto, o movimento como é popularmente reconhecido nos dias de hoje começa a ganhar forma no final do século XIX, quando o termo “*homosexuell*” é cunhado por Karl Ulrichs, um ativista pioneiro alemão reconhecido na época por lutar contra a criminalização de relações entre pessoas do mesmo sexo na Alemanha (Paula, 2021). Posteriormente, no início do século XX, o sexólogo Magnus Hirschfeld institui a primeira organização homossexual em Berlim, “*Wissenschaftlich-humanitäre Komitee*” e funda a maior biblioteca com acervo de conteúdos e conhecimentos gay na Europa. No entanto, segundo estabelece Paula (2021), devido a repressões nazistas ocorridas no período, tais iniciativas são brutalmente interrompidas e demarcam um momento de forte perseguição e tortura (Ayoub & Paternotte, 2019).

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, há uma nova fase de ativismo realizada por grupos situados na Holanda, Reino Unido, Alemanha, Bélgica e França (Ayoub & Paternotte, 2019), nomeada “ativismo homófilo” e com o objetivo central de melhorar as condições legais e sociais das pessoas LGBTI+, ainda lidas como desviantes pela sociedade e pela medicina da época (Paula, 2021).

Outro marco significativo com origem na América do Norte diz respeito a rebelião de Stonewall, ocorrida em Nova Iorque em 1969. Tal feito representa um ponto de virada visto ter inspirado o início de um confronto de libertação que contestava normas de gênero e a criminalização da homossexualidade (Kane & Ayers, 2016). Iniciam-se as marchas de orgulho LGBTI+ em comunidades situadas em Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco, aumentando a visibilidade das pessoas LGBTI+ nas áreas centrais. A literatura indica que *drag queens*, bissexuais, pessoas trans e minorias raciais tiveram uma participação crucial na rebelião Stonewall, embora sejam invisibilizadas frequentemente (Paula, 2021).

Nos anos 1970, o foco ativista ultrapassa a luta pela libertação para a conquista de direitos civis, como a retirada da homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) em 1973. Depois, com a crise da SIDA nos anos 1980, o movimento também conquista novas dinâmicas, unindo gays e lésbicas no fortalecimento e organização dos movimentos contra o estigma da “doença gay” (Paula, 2021). Ressalva-se que por volta desse mesmo período, as mulheres lésbicas começam a se organizar e formar as suas próprias

associações, ao sentirem-se revoltadas com a falta de visibilidade às questões femininas, e, a liderança dominante dos homens gays frente aos movimentos LGBTI+ (Morris, 2009).

Já no contexto português, ao adentrar uma temática de cunho essencialmente político e social como as iniciativas associativas LGBTI+, é preciso reconhecer as influências do contexto em si. A religião, neste caso específico, o catolicismo - foi e ainda é, muito influente em Portugal, moldando as normas sociais e a moralidade pública. Segundo Colling (2014) até o fim do século XX o catolicismo exercia um papel preponderante na definição do comportamento social aceitável, o que impacta diretamente na vivência da sexualidade, ao considerar a adoção de atitudes rígidas e conservadoras. Nesse caso, o associativismo surge também como uma forma de questionar e desmitificar os dogmas impostos pelo catolicismo.

Em Portugal, só se observa confrontos e mudanças significativas relativas a comunidade LGBTI+ a partir dos anos 1990. Neste período, o país também presenciava a epidemia da SIDA, sendo uma das motivações dos coletivos e organizações LGBTI+ começarem a surgir, ao considerar o forte estigma da doença associada a orientação sexual das pessoas, conforme mencionado anteriormente. O impacto dessa mobilização não se deu somente como resposta à crise de saúde pública, mas igualmente no fortalecimento do ativismo pelos direitos da comunidade LGBTI+ em termos mais amplos e sólidos (Colling, 2014).

Nos últimos quinze anos, houve alterações relevantes dentro do contexto português impulsionadas pela força e empenho das comunidades LGBTI+, como o reconhecimento da união estável, a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo (2010) e a inclusão da orientação sexual no artigo 13 da Constituição, que proíbe diversas formas de discriminação (Lei Constitucional n.º 1/2004, 24 de julho), marcando avanços significativos na luta pelos direitos da comunidade LGBTI+ (Colling, 2014), mas ainda há muita discriminação na legislação portuguesa no que toca a orientação sexual e a identidade de género. Segundo destaca Ferreira (2015), a falta de direitos igualitários de parentalidade (e.g. adoção) se mostra como um dos exemplos mais fortes.

1.4. Associativismo lésbico e bissexual em Portugal

No que toca ao movimento lésbico em Portugal, Ferreira (2015) enfatiza que os grupos tidos como informais e as associações pioneiras como o Clube Safo e a ILGA foram essenciais para fortalecer a causa, sendo que esses surgem também na década de 90. O primeiro local de troca de informação e comunicação sobre questões lésbicas surge nessa altura e chamava-se “*Organa*”, uma revista que facilitava essa troca entre as mulheres lésbicas da época, já que ainda não haviam organizações ou grupos específicos que pudessem unir as pessoas que

partilhavam de vivências semelhantes. Posteriormente, há também a publicação da revista “*Lilás*” com aproximadamente duzentas assinantes e agora já com mais notoriedade mediática (Ferreira, 2015).

O surgimento do Clube Safo, em 1996, representa um grande marco para a visibilidade das mulheres lésbicas, uma vez que esta é a associação lésbica pioneira em Portugal. Tal marco se revela não somente na luta reforçada dos direitos das lésbicas e por intervenções a nível social e político que atendessem às suas demandas, como também no ato de se revelarem publicamente. Uma vez que a associação promovia encontros, momentos festivos e descontraídos, e, pela primeira vez há programas realizados em zonas públicas. E o mais significativo: organizados por mulheres lésbicas e *para* mulheres lésbicas. (Ferreira, 2015).

A *International Lesbian and Gay Association* (ILGA) funda a sua seção portuguesa em 1995, sendo reconhecida legalmente em 1997 (Colling, 2014). A ILGA também representa visibilidade e força ao movimento lésbico e bissexual em Portugal. Devido a sua estrutura estatal, a ILGA é uma associação que luta de forma progressiva pela garantia e continuidade de direitos às pessoas LGBTI+, como o acesso ao casamento, à adoção, à educação, à saúde, entre outros. Portanto, a sua composição e os seus princípios assumem caráter relevante e desempenha um papel importante ao atender as demandas das mulheres LGBTI+ (Paula, 2021).

A pressão e a luta exercidas pelas associações foram e são de suma importância para que as leis fossem de fato implementadas e os seus direitos humanos fossem garantidos. Mas se faz necessário continuar a exercer pressão e luta sob o Estado, uma vez que ainda se visiona a necessidade de visibilidade e reconhecimento das comunidades LGBTI+, sobretudo no que toca às necessidades femininas. As mulheres sentem que as suas pautas não são enfatizadas com a mesma força e impacto que as pautas masculinas demonstram. Desta forma, perceber e aprofundar o entendimento acerca de temáticas ativistas feministas é de fulcral importância. Não só por ser necessário e urgente para as mulheres lésbicas e bissexuais, mas também ao considerar a longa ditadura enfrentada em território português, onde se reflete, conforme postula Madeira (2022) ainda nos dias atuais, valores paternalistas e conservadores relativos ao papel social que a mulher representa.

Paralelamente, ao considerar que a maior parte das evidências encontradas até o presente momento acerca do envelhecimento negligencia a orientação sexual das mulheres (Jabson et al. 2021), se faz pertinente compreender também a discriminação para com as mulheres lésbicas e bissexuais mais velhas. A participação em grupos associativos pode ser um fator determinante para se visualizar as características idiossincráticas, bem como o bem-estar e a

qualidade de vida de mulheres lésbicas, principalmente daquelas mais velhas. Além de facilitar a compreensão sobre como ser ativista poderá interferir e influenciar na representação social. Ao considerar a pouca literatura existente dentro do tema, considera-se pertinente este enfoque.

Em suma, o associativismo feminino lésbico e bissexual em Portugal é um tema de relevância e interesse pois, para além de ter o potencial de assumir-se uma prática legítima de representação social, auxilia na compreensão do processo identitário individual e coletivo (Rosa & Magalhães, 2018). Além disso, ao considerar que os movimentos ativistas LGBTI+ surgem tardiamente em Portugal em comparação com outros países na América do Norte, como os Estados Unidos (Kane & Ayers, 2016) e países da Europa Ocidental, como o Reino Unido, a Alemanha e a Holanda (Ayoub & Paternotte, 2019), adentrar a temática poderá ser pertinente para possibilitar a continuidade e o aprofundamento dos estudos em Portugal e ao redor do mundo.

O presente projeto busca, por conseguinte, responder às seguintes questões de investigação: Quais são as vivências experienciadas por mulheres lésbicas e bissexuais de diferentes faixas etárias dentro do associativismo LGBTI+ em Portugal? Há benefícios/ganhos através da partilha e do contato entre diferentes faixas etárias?

2. Metodologia

2.1. Objetivos de Investigação

O objetivo central da presente investigação é adentrar e compreender as perceções das mulheres lésbicas e bissexuais ativistas residentes em Portugal acerca das suas experiências de participações em associações e coletivos LGBTI+, a fim de verificar o impacto que essas vivências associativas têm a nível da sua representação e integração social. Tanto a nível individual, como a nível macrossocial. Ademais, visiona explorar de que maneiras o contato entre ativistas lésbicas e bissexuais de diferentes faixas etárias poderá influenciar no processo de inclusão, na construção de redes de apoio e no fortalecimento das suas identidades no seio da comunidade LGBTI+, trazendo também reflexões e novas perspetivas acerca do processo de envelhecimento das mulheres lésbicas e bissexuais em Portugal.

Ao levar em consideração a pouca produção científica existente acerca do ativismo lésbico (e bissexual), percebe-se esta uma oportunidade de contribuir e oferecer maior visibilidade a estas pessoas, bem como influenciar no fomento de futuros estudos neste âmbito.

2.2. Participantes

Nesta investigação, participaram sete mulheres lésbicas e bissexuais, todas ativistas e/ou participantes de associações/coletivos LGBTI+, cujas idades variam entre 26 e 51 anos. Todas as participantes se identificam com o género feminino, sendo que uma delas também se identifica como género neutro. A maioria das participantes reside dentro distrito do Porto e arredores, como Vila Nova de Gaia e Gondomar, enquanto algumas residem no distrito de Lisboa e Castelo Branco. Há diversidade no que toca aos estados civis/relacionais, uma vez que há participantes solteiras, divorciadas, em relações, uniões de facto e união estável de natureza não-monogâmica (tabela 1).

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos/das participantes

	IDADE	SEXO/GÉNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ZONA DE RESIDÊNCIA	ESTADO RELACIONAL
P1	33	Feminino	Lésbica	Vila Nova de Gaia	Em uma relação
P2	47	Feminino	Bissexual	Gondomar	Divorciada
P3	26	Feminino	Bissexual	Vila Nova de Gaia	Em uma relação
P4	40	Feminino/Neutro	Lésbica	Porto	União de Facto
P5	37	Feminino	Bissexual	Porto	União estável (não-monogâmica)
P6	26	Feminino/mulher	Lésbica	Lisboa	Solteira
P7	51	Feminino	Lésbica	Castelo Branco	Em uma relação

2.3. Método de Recolha de Dados

Considera-se a Entrevista Qualitativa a metodologia mais adequada ao presente projeto devido a possibilidade de explorar com maior riqueza de detalhes as percepções e os significados que as mulheres lésbicas e bissexuais dão à sua participação associativista.

Desta forma, foi construída e conduzida uma Entrevista Semiestruturada (Anexo 1), onde, inicialmente as participantes eram situadas sobre a temática e os objetivos do estudo. Depois, respondiam alguns dos seus dados sociodemográficos destacados (e.g. idade, género no qual se identifica, estado civil/relacional, zona de residência, área profissional, e, por fim, se caso fosse o caso, algum outro dado que lhes parecesse interessante partilhar). A recolha dos dados sociodemográficos é uma parte relevante dentro da pesquisa qualitativa, dado que possibilita uma análise mais detalhada acerca dos relatos obtidos, ao associá-los com as características pessoais de cada participante.

Os convites de participação foram concretizados maioritariamente online através do envio de e-mails a diversas associações LGBTI+ e movimentos de apoio da comunidade (e.g. ILGA Portugal, Clube Safo, Plano I/Centro GIS, Casa Qui, Porto Pride, etc), e também através da divulgação de uma arte feita no Canva (Anexo 3), sendo esta divulgada em diversas redes sociais ao longo de um mês.

Na maior parte dos casos, a recolha dos dados ocorreu presencialmente, nas instalações da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Devido a localidade onde estavam situadas algumas das participantes (fora do distrito do Porto), foram

concretizadas entrevistas telemáticas, recorrendo à plataforma *Zoom*. A duração das entrevistas, em média, foi de uma hora e trinta minutos, tanto as que ocorreram presencialmente, como online. O período de recolha de dados teve uma duração total de aproximadamente três meses.

Após breve apresentação dos objetivos de pesquisa, dos respetivos cuidados éticos e académicos a se ter ao tratar dos dados das respetivas participantes, e, também, solicitando-se a assinatura do Consentimento Informado (Anexo 2), dava-se início a entrevista propriamente, sendo esta conduzida pelos cinco tópicos centrais destacados no Guião da Entrevista Semiestruturada (Anexo 1): 1. Percurso pessoal; 2. *Coming out*/percurso de aceitação; 3. Associativismo; 4. Representatividade e 5. Interações Intergeracionais.

2.4. Método de Análise de Dados

Ao examinar a natureza das questões de investigação, assim como os pressupostos teóricos definidos nesta pesquisa, considera-se a metodologia da Análise Temática ideal para o efeito. Segundo Braun e Clarke (2006), tal método serve para identificar, codificar, analisar, interpretar e relatar padrões. Ou seja, temas, dentro dos dados. Portanto, há uma sistematização e descrição que ocorre detalhadamente em conjunto de dados. Além disso, também permitem a investigadora uma interpretação de diferentes aspetos do tema de investigação, visto se tratar de uma análise das perspetivas pessoais.

Ao considerar os postulados de Braun e Clarke (2006), os temas destacados na análise são, basicamente, padrões que identificam algo significativo acerca das questões de pesquisa. Para tal, seguiram-se os seis passos propostos pelas autoras: 1) Familiarização com os dados: realiza-se a transcrição de todos os dados obtidos. Ou seja, todo o conteúdo relatado pelas participantes ao longo das entrevistas são transcritos e revisados. Também são anotadas ideias, percepções e reflexões iniciais da investigadora ao longo do processo; 2) Geração de códigos iniciais: inicia-se a análise dos aspetos interessantes dos dados através da codificação sistemática do banco de dados. Para cada código criado, reunia-se um acervo de enxertos considerados relevantes; 3) Procura de temas: após agrupar todos os códigos relevantes, iniciou-se o processo de procura interna por temas específicos a serem analisados e aprofundados no estudo, sendo o critério central de identificação não só a frequência com que emergem nos dados, mas a significância atribuída pelas participantes. Estes são sublinhados com cores distintas a fim de facilitar a sua visualização e posterior revisão; 4) Revisão dos

temas: após identificação dos temas e subtemas respectivos, realizou-se a verificação detalhada da base de dados como um todo, com o objetivo de confirmar a coesão e a interconexão das temáticas inicialmente encontradas; 5) Definição dos temas: nesta fase, os dados foram definidos de forma mais clara e estrutural, partindo para o início da análise, e 6) Produção de relatório: por fim, o último passo proposto por Braun e Clarke (2006) diz respeito a análise final e a escrita dos resultados, buscando clarificar com exemplos realistas o conteúdo a ser discutido. Ou seja, trechos das entrevistas que ilustrem as temáticas abordadas e a relação com as questões de investigações e com a base existente na literatura.

Acrescenta-se que a aplicação da metodologia de Análise Temática esteve voltada a Técnica Indutiva, ou seja, busca-se analisar e verificar as experiências de associativismo e as temáticas advindas desse de forma flexível, construtivista e contextual, através da própria imersão dos dados obtidos nas falas das participantes.

3. Análise e Discussão de Resultados

A análise de dados conduziu à identificação de dois temas principais: 1) Representações sobre Associações e 2) Construção de Comunidades. O primeiro tema contém quatro subtemas: a) Lutas; b) Acolhimento e Pertencimento; c) Diversidade de Experiências; e d) Convívio geracional. O segundo tema possui três subtemas: a) Discriminação; b) Apoio sentido entre Pares e c) “Laranja na Mesa”: o valor das Partilhas. (cf., Figura 1).

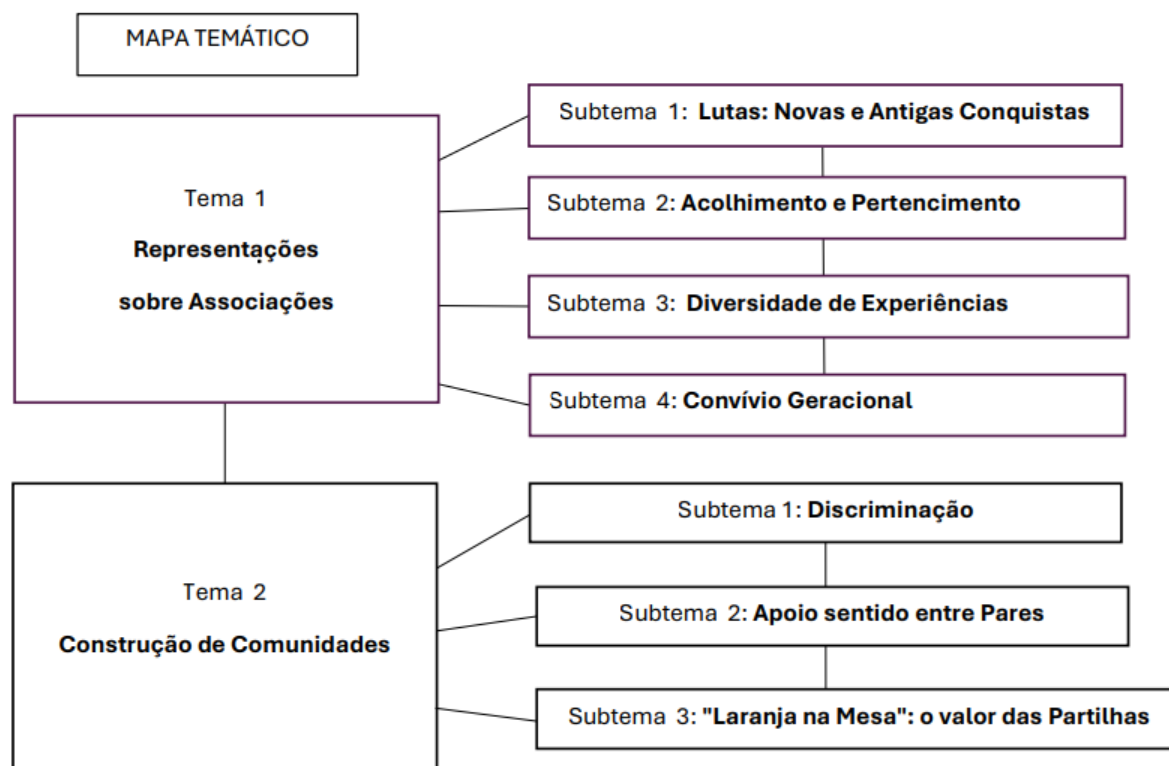


Figura 1: Mapa Temático

3.1 Representações sobre Associações

O tema de maior transversalidade entre as entrevistas se baseia nas representações que as participantes têm acerca das associações e do associativismo. Verifica-se que as associações representam tanto um espaço que oferece segurança, acolhimento, autoconhecimento e conforto, como um lugar que promove a partilha entre as pessoas. Ademais, as associações mostram desempenhar uma função importante na promoção da diversidade e na luta por direitos ainda não alcançados, assim como pela proteção e manutenção daqueles já conquistados, uma vez que as mulheres reforçam a importância de continuar a lutar para garantir que os direitos obtidos pela comunidade ao longo dos anos de ativismo não sejam perdidos.

Também se nota muitas diferenças entre as vivências, sejam no seu percurso pessoal ou ativista, na forma como praticam o ativismo ou como percebem as suas necessidades. Inclusive, se identifica divergências de opiniões entre as gerações mais velhas e mais novas. E, embora nos discursos haja o reconhecimento sobre os potenciais ganhos que as gerações podem ter através da partilha, há também um destaque para os conflitos e desafios sentidos dentro das associações. Outra temática relevante que emerge do associativismo e que revela importância para as participantes, diz respeito à diversidade. Não só em termos geracionais, mas também em relação à raça, etnia, cultura, identidade e condições neuropsicológicas.

Segundo Rosa e Magalhães (2018), tornar a subjetividade das vivências femininas e *queer* em produto do conhecimento através da narrativa é um ato transformador, uma vez que a relevância não se encontra somente intrínseca às interações estabelecidas entre ativistas, mas igualmente nas consequências providas no seio do associativismo. Portanto, as representações relativas às associações, sendo os núcleos centrais abordados ao longo das narrativas, relevam muita importância na vida das entrevistadas, inclusive, na construção da identidade:

“Eu já ia às marchas, só que não ia com o megafone. Mas eu já ia às marchas. Se calhar estava mais num contexto invisível, por assim dizer. Participava nas marchas, mas não tinha assim muito... Pronto, falava, mas não tinha aqui muito um papel. E sinto que após entrar na associação, quase que vestia literalmente a camisola de: é para segurar a faixa, é para ir com o megafone... E é muito esse papel que também sinto que eu tenho aqui, de dar ar, de dar força, de tentar criar um espaço confortável, e de ser a primeira pessoa a dizer: é para ir, vamos!”
(P3)

Além disso, o associativismo também representa destaque no que toca a vida social das participantes. Uma vez que a maior parte revela ter se motivado a adentrar associações LGBTI+ na tentativa de busca por pares, pessoas que partilhem dos mesmos valores, para se sentirem aceites e visíveis.

“Há pessoas que não encontram amigas ou parceiras, que sejam da comunidade, e acho que é muito bom eu perceber que às vezes eu partilho que no meu ambiente de trabalho não há ninguém LGBT e elas partilham, “pois, nem eu”. E isso é a validação, é a visibilidade... É uma coisa que se faz de forma voluntária, que impacta imenso... Lá está, a validação da minha identidade na sociedade. Às vezes parece que uma pessoa está sozinha a defender as coisas, e depois não, há mais lésbicas a querer defender e manter os direitos. Então para mim tem um impacto gigante, mesmo.” (P6)

“Eu sinto que o ativismo abriu portas para conhecer pessoas que se calhar eu nunca teria conhecido. Até porque eu sou extremamente, sei que não parece, mas eu sou muito introvertida. E se eu não me obrigasse a ir, “porque é uma questão de ativismo, tens que ir...” Se calhar eu não teria conhecido muita gente. E são pessoas que se tornaram muito importantes na minha vida, por exemplo.” (P4)

“Eu não seria a lésbica que sou sem o ativismo. Eu não seria a mulher que sou sem o ativismo. Eu não seria a mãe que sou sem o ativismo. Eu não seria a professora que sou sem o ativismo. Eu não seria a cidadã que sou sem o ativismo LGBT. Para mim, é um exercício, um trabalho constituído da minha própria identidade. Numa sociedade profundamente homofóbica, profundamente machista e misógina, numa sociedade profundamente, apesar não tanto quanto outras, mas ainda assim profundamente conservadora, o ativismo construiu-me, obrigou-me, levou-me a ler, a discutir, a pensar, a refletir. E também, muito importante, a agir de modo ou viver de modo diferente e a ser de modo diferente.” (P7)

“O ativismo foi e é um trabalho essencial na construção das minhas identidades, da minha vida e eu não imagino que alguém possa ser feliz sem ter este tipo, qualquer tipo de trabalho social, de colaboração.” (P7)

3.1.1 Lutas: Novas e Antigas Conquistas

Enfatiza-se nas narrativas a importância não só de ir à luta para garantir novos direitos e conquistar novos espaços, como também pelos direitos já obtidos. Conforme mencionam, é necessário estar continuamente a lutar para manter os direitos que foram obtidos, com muito esforço, no passado, uma vez que parece fácil também perdê-los.

“Há muito equívoco em relação a nossa marcha... a sociedade a nossa volta acha que a marcha é uma festa. Cantarmos na rua e dançarmos... Não. A marcha é para, sim, celebrar os direitos que já fomos ganhando ao longo do tempo, até o dia de hoje. Mas... é um forcing e um reforço para o que ainda estamos a lutar. E para manter, não é? Não queremos perder os direitos que, entretanto, já foram reivindicados e completamente reivindicados.” (P1)

“Uma manifestação não é nunca uma festa. É, portanto, um grito de luta. E todos os anos esse grito de luta é maior... Este ano, eu acredito que esse grito vá ser maior ainda. Até porque, pelo que eu percebi, pela primeira vez, em Lisboa, a marcha vai ser feita na Avenida da Liberdade que é o palco maior das manifestações... então acho que este ano vai ser ainda maior que os outros anos todos.” (P1)

“Temos de continuar esta luta para garantir que temos cada vez uma situação melhor; uma situação mais livre, uma democracia reforçada, para nós e para o resto das pessoas. Porque os direitos LGBT são um barómetro da democracia numa sociedade. Os direitos LGBT são um termómetro da liberdade numa sociedade. Os direitos LGBTQIAP e mais, são uma medida do Estado de Direito do próprio país. Portanto, quando os nossos direitos estão atacados, os direitos das mulheres estão atacados, os direitos das pessoas racializadas estão atacados, os direitos das pessoas com deficiência estão atacados, todos os direitos estão a ser atacados. Nós somos, de alguma maneira, o topo do iceberg, aquilo que é mais visível, mais facilmente atacável, mas que corresponde a grandes movimentos que pretendem fazer regredir a sociedade.” (P7)

3.1.2 Acolhimento e Pertencimento

O acolhimento e a pertença dentro das associações estão presentes e em todas as narrativas se mencionam tais temas. Mesmo que, por um lado, nem todas as mulheres se sintam representadas, conforme se justifica no subtópico a seguir, ainda assim o sentido de pertença e de acolher é muito presente e importante dentro do ativismo lésbico e bissexual. Em partes, também, porque a maior parte das pessoas já se conhecem, ao considerar que o meio ativista entre as mulheres *queers* ainda é muito reduzido no país.

“Dentro do associativismo em Portugal, há coisas positivas, porque, lá está, o facto de serem poucas pessoas que se conhecem, também criam laços. (...) O que eu sinto é que há muito isto, há muito o acolhimento da pessoa nova. E de “Olha o que nós estamos a fazer é isto. Como é que achas que podemos melhorar? Queres participar, não queres participar...?”. Raros são os casos que eu tenho visto de recuso imediato da pessoa nova. Há uma tentativa de o acolher. Há casos que correm bem... Há casos que correm mal, como em tudo. Mas normalmente há uma tentativa de integração do novo e da pessoa mais nova, da pessoa mais jovem. Começou agora. Há uma tentativa de acolhimento, há uma tentativa da nova perspetiva, de trazer novos olhares para dentro.” (P5)

Para além dos benefícios intrínsecos do acolhimento em si, a ideia de se adotar novas perspetivas também é conveniente e relevante dentro do ativismo, principalmente sendo LGBTI+, ao considerar que a constante reflexão e quebra de tabus se faz fundamental. No entanto, também é destacada ainda a falta de recursos para a inclusão devida de todas as pessoas, como é o caso das imigrantes que não falam o idioma local.

“Eu sinto que, apesar de tudo, nós não conseguimos ainda incluir muito pessoas imigrantes. Ou seja, brasileiras, pessoas brasileiras, sim. Ou porque são mais, ou porque falam português. E aí a gente se entende muito bem. Ah... Fala inglês, fala alemão, fala francês, nós não conseguimos incluir muito bem. Muitas das vezes, até porque as próprias participantes não falam inglês, ou não estão à vontade com outras línguas, e acaba por ser a única pessoa que fala inglês. Então nós, que estamos a moderar uma atividade, começamos todas a falar inglês, mas depois as portuguesas não querem. É muito difícil.” (P6)

O mesmo ocorre relativamente as pessoas mais velhas. Entretanto, no que toca a essa temática, possivelmente também por ser um tópico incluído nas entrevistas, se nota que o envelhecimento das mulheres *queers* tem sido pauta de forma mais frequente nos últimos tempos, dentro do associativismo em Portugal. Também, porquê, segundo aponta as participantes, as próprias ativistas estão a envelhecer, então essas questões se revelam também preocupações acerca do seu próprio bem-estar.

“Como é que nós, que somos mais novas, vamos cuidar destas pessoas? É uma preocupação que nós temos, porque não está minimamente preparado o país. E é um medo, e nós sentimos que essas sócias mais velhas, por um lado, sentem muito orgulho no que nós estamos a fazer.” (P4)

3.1.3 Diversidade de Experiências

É notável o quão presente a diversidade se faz dentro do associativismo feminino *queer* através da fala das mulheres participantes. São vivências muito diversas, tanto no âmbito geracional, como cultural, racial e no que toca a identidade e a neurodiversidade. A diversidade é apontada, inclusive, dentro dos valores da associação nos quais as participantes se identificam.

“Entre as de 70 e as de 20 há mesmo um mundo completamente diferente que tem a ver com a forma como cresceram (...) as mais velhas cresceram em um mundo limitado e circunscrito ao local onde estavam, as mais novas cresceram com o mundo a sua disposição”. (P4)

3.1.4 Convívio Geracional: O Papel das Diferentes Gerações

Todas as gerações exercem um papel fundamental dentro do ativismo e as narrativas revelam esse reconhecimento. Até mesmo na forma como praticam o ativismo, nota-se uma diferença. Segundo a Participante 2, a sua forma de ser ativista é mais silenciosa e passiva, mas não deixa de considerá-la necessária e fundamental:

“Não sou uma ativista de ir para a rua com cartazes, não quer dizer que eu não o faça, mas eu costumo dizer que eu gosto de estar sempre no backoffice, que estou sempre para trás e estou sempre a fazer as coisas mais no meu silêncio, na minha privacidade. E vou tentando falar e revelar-me em contexto de trabalho, nas empresas onde eu trabalho, vou tentando provocar a mudança, não nas ruas, mas internamente, nas empresas, com os meus pares, na família, com as pessoas amigas, sempre fui assim.” (P2)

Por outro lado, também se nota outras práticas de ativismo no meio. Como é o caso da Participante 3, que menciona ser uma ativista que vai às ruas com frequência e que gosta de liderar marchas e fazer barulho:

“Sou uma revolucionária que vai para as ruas, que vai para o combate da morte... (risadas). Que vai com os cartazes, que leva o megafone... E eu participo nas marchas todas, 25 de abril, marcha LGBT... Em tudo que existir... A marcha da mulher... Eu vou a todas as marchas. E vou, sou a pessoa que vai com megafone, sou a pessoa que anima a festa, sou a pessoa que tenta que toda a gente se sinta confortável naquele espaço. E acho que também aqui, isso que eu tento fazer aqui um bocadinho com as pessoas com quem eu trabalho, é criar aqui um espaço de segurança, criar um espaço de conforto.” (P3)

Além da forma como praticam o ativismo, as participantes também mencionam em suas narrativas o esforço exercido ao procurar oferecer segurança e conforto a todas as pessoas envolvidas na associação. Seja no sentido da integridade física, como idas às marchas e manifestações, como no sentido psicológico, ao analisar o comportamento empático umas com as outras.

“Na marcha de Lisboa, tivemos uma senhora que devia ter os seus 80 anos ao nosso lado, lá no nosso meio, e estava tão contente, estava muito contente, porque nunca tinha ido a uma marcha. E para nós foi um orgulho tê-la ali, não é? E havia sempre alguém ali à volta para garantir que ela estivesse em segurança.” (P4)

“A vivência que eu tive muitas vezes também me ajuda a lidar com as pessoas, por exemplo, mais jovens, e a dizer, e a partilhar com elas que sim, eu também fui vítima, eu também senti, mas estou aqui, eu sobrevivi, porque tu também vais conseguir ultrapassar e dar a volta.” (P2)

3.2 Construção de Comunidade

A criação, no sentido simbólico e literal, de comunidade emerge como o segundo grande tema do presente estudo, dado o valor significativo atribuído pelas participantes a este aspeto em

suas vivências pessoais e ativistas. As falas revelam que, para a maior parte destas mulheres, a comunidade não é apenas um espaço de convivência, mas um alicerce emocional e social que sustenta a luta diária contra a discriminação. Verifica-se na literatura que envelhecer dentro da comunidade construída é a opção preferencial da maioria das mulheres lésbicas, uma vez que visionam tal comunidade como um local de aceitação incondicional, de criação de laços de amizades e fonte de força e esperança (Bradford et al., 2016).

Ademais, as partilhas de diferentes vivências entre gerações e contextos sociais se mostram centrais na construção e manutenção dessa comunidade. As participantes apontam que tal troca permite o aprendizado mútuo e a continuidade do movimento, de forma a assegurar que as lutas passadas e presentes sejam vistas, reconhecidas e ressoem nas gerações por vir. Portanto, a construção da comunidade lésbica vai além de um espaço físico. As trocas interpessoais e a construção conjunta com o meio desempenham papéis essenciais.

“Acho que oportunidade, para mim... Estar na direção é diferente de estar me voluntariando em outro lugar da associação. Então pra mim a oportunidade é criar o espaço, é criar a comunidade, é criar... E criar comunidade não é uma coisa simples, não é um negócio que acontece assim: você faz hoje e amanhã a comunidade tá aqui de maneira maravilhosa, funcionando. Então... A oportunidade que eu vejo, em fazer parte da direção e estar nesse momento no associativismo é conseguir ajudar a construir uma coisa que daqui há 10 anos, ainda esteja lá.” (P5)

A comunidade se constitui dentro e fora do associativismo, uma vez que algumas das participantes mostram já estarem a se preparar para o futuro, e, desta forma, já idealizam como será constituída a comunidade, de forma a atender às suas necessidades futuras.

“O meu objetivo é continuar a trabalhar e, sendo um bocadinho egoísta, a trabalhar exatamente para a minoria das pessoas mais velhas, que é exatamente para onde eu vou. Portanto, tenho que admitir que há aqui uma base também de “egoísmo”. É garantir que... eu também tenha, quando for a minha altura de descansar, também tenho um sítio seguro para o fazer. Então é sempre a criação de... É sempre a criação de lugares seguros. É sempre isso que nós estamos à procura.” (P4)

3.2.1 Discriminação

A discriminação se configura dentro da construção da comunidade, uma vez que se relaciona com os preconceitos criados socialmente. Muitas das participantes revelam se sentir

duplamente discriminadas: primeiramente, por serem mulheres, e, depois, por serem lésbicas ou bissexuais.

Algumas entrevistadas mencionam, inclusive, a questão da invisibilidade por apresentarem aspetos e características consideradas maioritariamente femininas dentro do seu meio. É algo impactante e que influencia, inclusive, na forma como veem a si próprias. Desta forma, defendem que a discriminação também ocorre dentro da comunidade LGBTI+, conforme ilustra a Participante 6:

“Parece que há a ideia de que uma pessoa não se pode vestir de uma forma tipicamente feminina se for LGBT. Como se isso fosse ficar na norma, e não um gosto pessoal. Pronto. É quase que... Eu para ser uma lésbica a sério tenho que cortar o cabelo... Quer dizer, não sou eu que penso assim, mas eu ouço essas negativas, não é? E eu sou uma pessoa que me visto de forma mais feminina. Nunca sou lida como lésbica. Nunca, nunca, nunca, nunca. É preciso eu estar aqui com... Uma coisa escrita.” (P6)

3.2.2 Apoio sentido entre Pares

O apoio sentido entre pares emerge dentro da temática da Construção de Comunidade, visto ser um pilar necessário na procura por segurança e compreensão mútua. Dado que o isolamento social se mostra marcante nas vivências lésbicas e bissexuais, um fator capaz de contribuir no desenvolvimento da resiliência é sentirem que estão a criar uma *família escolhida* (Bradford et al. 2016). Este conceito é utilizado pelos autores a fim de ilustrar a importância das redes criadas dentro da comunidade, que fornecem conexão e apoio, representando em muitos casos papéis de figuras fraternais. A maioria das mulheres participantes revelam como motivações centrais, ao procurarem o associativismo, a busca por pares e por identificações autênticas.

Segundo ressalva Iacub et al. (2017), a falta de confiança percebida pelas mulheres mais velhas *queers* tem a sua raiz nos estigmas sociais e culturais vivenciados. Apesar das mudanças ocorridas e que vêm ocorrendo socialmente, essas mulheres ainda não sentem uma base estruturadora para combater o sentimento de invisibilidade e de rejeição. Há uma desconfiança geral sobre o ambiente em que vivem, dado que vivenciaram períodos complexos onde se fez necessário oprimir parte da sua identidade. Portanto, sentem maior confiança e apoio em figuras que estão em condições semelhantes (Iacub et al. 2017). A constituição de grupos de mulheres lésbicas (e bissexuais) assume, portanto, profunda importância no que toca à segurança e autoconfiança dessas pessoas, já que o sentimento de partilha em comum propicia

maior conforto e bem-estar. Desta forma, o apoio sentido entre pares se revela significativo às participantes:

“Eu sentia-me muito isolada, não tinha, não conhecia ninguém LGBT, no Porto, principalmente. Conhecia um rapaz trans de Lisboa. Um. Era tipo... um. Em Lisboa ainda. Conheçemo-nos online. E ele é que me apresentou a primeira associação que fiz parte e veio de propósito de Lisboa para ir a uma reunião da associação comigo. Na altura faziam reuniões locais. E ele veio de propósito para garantir que eu ia. Para garantir que depois chegava o dia e não poderia dizer que não consigo ir. E a partir daí, foi a partir daí que entrei no associativismo. (...) E foi mesmo muito a criação de... a procura, principalmente a procura de comunidade e a procura de pares. De pessoas com quem eu pudesse falar sobre o que estava a sentir sem ter aqueles olhares de: “Como assim? Isso não é normal”. O ímpeto inicial foi esse.”
(P4)

3.2.3. “Laranja na mesa”: o valor da Partilha

Em diversos momentos ao longo das narrativas, nota-se também o valor atribuído a partilha e a troca de experiências entre mulheres *queers*. Curiosamente, algumas das participantes mencionam uma linguagem de sinal que as mulheres lésbicas utilizavam antigamente para se reunir em locais públicos, sem serem reveladas ou repreendidas: o ato de colocar uma laranja em cima da mesa como sinónimo de convite às outras mulheres lésbicas a se reunirem. Tal fato mostra-se curioso, e, também, ligeiramente cómico às mulheres mais jovens que vivenciam outras dinâmicas de comunicação nos tempos atuais.

“Tivemos outra associada que foi a um almoço, que esteve presente na primeira reunião que a Associação uma vez teve e ela dizia: “isto era impensável, isto há 30 anos atrás era impensável estar aqui tanta gente...”. Ela nem sequer tinha a coragem de dizer “tantas fufas”, ela não tinha a coragem de usar a palavra. “Tanta gente, tantas mulheres”, mas nós dizíamos fufas, lésbicas, e ela... E notava-se que tremia um bocadinho. Ainda há muito esta questão, mas depois também havia...ela ouvia-nos a falar, não era de discussão, era um debate que estava a ocorrer na mesa. Era de como fazer intervenção política e ela estava a ouvir aquilo e tu notavas o brilho nos olhos dela de felicidade, da conversa já estar ali. Mas depois da parte dela havia aquele medo: “quando nós reuníamos era... tínhamos uma laranja na mesa...”. Para simbolizar era uma laranja, as pessoas que vinham já sabiam que se tivesse uma laranja na mesa era o sinal. E nós agora não percebemos nada disto.” (P4)

Vale ressaltar que embora haja potenciais ganhos através da troca e da partilha entre gerações, as participantes também revelam alguns desafios. Segundo a literatura encontrada, há inúmeras diferenças na interpretação e interiorização do processo identitário no que se refere a orientação sexual e de gênero pelas mulheres lésbicas, a depender das suas características particulares, como a geração a qual pertencem.

Hagai (2023) estabelece que algumas lésbicas *cis* mais velhas que vivenciaram a sua juventude em meados dos anos 1970 podem encarar as questões de gênero como uma categoria opressiva, isto é, como um meio para “subjugar” as mulheres. Consequentemente, poderão buscar e preferir espaços exclusivamente para mulheres *cis*, enquanto lésbicas mais jovens poderão perceber essa preferência por espaços exclusivos como um processo excludente e transfóbico. Portanto, é notória a multiplicidade e diversidade existente, inclusive, dentre a própria comunidade de mulheres *queers*. Por um lado, existe a dificuldade em ambos os lados em perceber a realidade contextual, por outro, existe o valor do conhecimento e dos contributos à comunidade lésbica em estabelecer tais partilhas.

Reflexões Finais

O estudo que apresentamos teve como objetivo, primeiramente, adentrar e compreender as percepções de mulheres lésbicas e bissexuais ativistas residentes em Portugal acerca das suas experiências de participações em associações/coletivos LGBTI+, de modo a verificar o impacto que essas experiências revelam a nível da sua representação e integração social. Em segundo lugar, visou explorar a forma como as dinâmicas de interação e cumplicidade entre ativistas lésbicas e bissexuais de diferentes faixas etárias exerce influencia no processo de inclusão na comunidade LGBTI+ e em geral.

Os resultados demonstram que as participantes praticam associativismo por diferentes razões, dentre elas: a ânsia por revolução e pela garantia dos direitos através da luta. O desejo por liberdade. O combate à discriminação, que vai desde a homofobia ao machismo, ao racismo e a xenofobia. À procura de pares e pelos laços significativos ali construídos e mantidos ao longo dos anos de ativismo. Pela partilha significativa de diferentes experiências, realidades e pelo apoio mútuo sentido. Pela troca e convívio entre gerações. Pela vontade de expandir o campo das ideias e de participarem/contribuírem ativamente na vida social e política. Devido a importância que atribuem ao trabalho voluntário e ao contato comunitário. E por almejarem construir e manter uma comunidade onde possam expressar livremente quem são e declarar abertamente quem amam.

Através deste estudo, ficou visível a importância de práticas capazes de unir as pessoas em prol dos mesmos objetivos e/ou necessidades, como é caso do associativismo LGBTI+. O valor da partilha e da troca de experiências é revelado através dos relatos das participantes de forma significativa, ao afirmarem aprenderem constantemente umas com as outras, principalmente através das diferenças. A propósito das diferenças em termos de idade, embora a variação dessa característica revele desafios, há também benefícios. Segundo os dados encontrados, essas diferenças oferecem perspectivas diferentes e enriquecedoras de como lidar com pessoas, ouvi-las e acolhê-las, além de ser um recurso benéfico no combate do isolamento das pessoas mais velhas, conforme apontam as participantes.

Verificou-se diferenças relevantes no que se refere a forma de se praticar o ativismo, já que as mais velhas, neste momento, mostram preferência por um movimento “silencioso” mais interno e direcionado, enquanto as mais jovens tendem a buscar um ativismo mais ativo, a estar nas ruas, nas manifestações, nas marchas e nos contextos mais visíveis. Essas diferenças podem ser entendidas, justamente, como necessidades distintas em função da geração à qual

pertencem. Conforme aponta Hagai (2023), as demandas podem variar de acordo com o contexto histórico e a vivência pessoal de cada mulher.

Embora o associativismo ainda não consiga representar a toda a diversidade e pluralidade feminina LGBTI+ em Portugal, os dados revelam que a continuidade dos movimentos são caminhos viáveis para trazer mais representatividade e inclusão. As participantes mais velhas revelam se sentir mais integradas socialmente ao comparar a época em que tinham vinte anos e esse fato se dá, possivelmente, devido a luta exercida ao longo dos anos, e continuamente exercida, e aos direitos que se vem conquistando pela comunidade lésbica e bissexual. Desta forma, observa-se no *mainstream*, nos filmes e nas músicas, maior número de referências comparadas a quinze ou vinte anos atrás. As participantes mais novas, por outro lado, trazem à tona temas como a expressão de gênero e a falta de visibilidade e representatividade às lésbicas que se expressam de forma mais feminina, afirmando que ainda é necessário combater esse estigma, inclusive, dentro da própria comunidade.

Portanto, este estudo identificou que as experiências de ativismo LGBTI+ por mulheres lésbicas e bissexuais em contexto português revelam contributos significativos relativamente a representação e integração social, embora ainda seja necessário abranger maior diversidade de mulheres. Conforme discutido anteriormente, o associativismo demonstra assumir um papel promissor, criando espaços de segurança e conforto para as pessoas exercerem e lutarem pelos seus direitos, partilharem sentimentos e experiências e criarem relações fortes e significativas.

Estes resultados, contudo, não estão isentos de considerações que limitaram o nosso percurso. Uma delas é o alcance da amostra, que contou somente com sete participantes. A amostra final foi condicionada por constrangimentos de tempo que caracterizam o ciclo de estudos e de disponibilidade das participantes por condicionantes pessoais. Estudos futuros poderão beneficiar de uma abordagem mais extensiva, incluindo uma amostra não só mais abrangente, mas também com maior diversidade sociodemográfica, como diferentes faixas etárias, culturas e etnias.

Apesar da investigação não ter contributos de mulheres acima dos cinquenta e um anos, a distribuição etária entre as participantes possibilitou uma reflexão sobre a dimensão intergeracional. Isto é, diferentes perspetivas sobre o associativismo, sobre a identidade lésbica e bissexual e os desafios enfrentados pelas óticas das diferentes idades das participantes. Um aspeto interessante apontado foi a constatação de que as mulheres lésbicas mais velhas sentem maior certa resistência em partilhar as suas vivências, sobretudo devido ao medo e aos traumas experienciados através das repressões vividas durante a ditadura. Segundo se observa através

dos discursos das participantes, e na literatura existente, somente há quinze anos é que se começa a notar mudanças e marcos legais que tocam diretamente nas questões LGBTI+ em Portugal (Colling, 2014), o que poderá justificar as origens desse silêncio.

Este contexto histórico de dor e sofrimento, que deixa marcas profundas nas gerações mais velhas, deve ser aprofundado em estudos posteriores. Afinal, a ausência de participantes interessadas mais velhas neste estudo pode ser interpretada como uma limitação, mas igualmente uma indicação de reticências das gerações mais velhas em manifestarem-se, o que também requer uma análise detalhada da psicologia. Segundo Bradford e colaboradores (2016) as lésbicas mais velhas têm maiores riscos e probabilidades de desenvolverem problemas de saúde, como a depressão e doenças cardiovasculares. Isto ocorre justamente pelo comportamento de evitamento, em adiar a busca por cuidados médicos devido à discriminação sentida e o receio da falta de conhecimento cultural dos prestadores de serviço.

Em relação ao papel das associações, destaca-se que o Clube Safo tem demonstrado ser, para além de uma associação de defesa dos direitos das lésbicas, um recurso de potenciais mudanças estruturais na sociedade. Conforme propõe Ferreira (2015), essa percepção de sentir não estar só, de sentir haver outras pessoas semelhantes naquele lugar revela uma repercussão significativa na forma como percebem e continuam a construir esse lugar. O Clube Safo apresenta forte potencial em assegurar esse papel, de forma a colaborar com outras associações existentes (e futuras) e influenciando nas alterações legislativas e no combate eficaz a discriminação. Os dados encontrados também mostram que tal associação tem capacitação para continuar a crescer e a atender às necessidades específicas do envelhecimento das mulheres lésbicas.

Outra questão que surge como reflexão neste estudo, é o envelhecimento das mulheres lésbicas e bissexuais, ao considerar ser também uma temática com pouca literatura existente, sobretudo em Portugal. Esta lacuna torna evidente a necessidade de haver mais investigações acerca das dinâmicas intergeracionais a fim de propiciar benefícios para a comunidade. Em virtude de ter sido esta uma temática onde as participantes demonstram preocupação com o isolamento e a discriminação que as mais velhas enfrentam, o aprofundamento da temática poderá contribuir na mitigação dessas questões, essencialmente nas dinâmicas internas das associações.

Como proposta a futuras investigações, sugere-se o foco a aspetos relacionados especificamente com a saúde mental das mulheres ativistas lésbicas. Dado que o *burnout* e problemas de autoestima são temas mencionados como interconectados em algumas das entrevistas, levanta-se essa reflexão. Além disso, a diversidade dentro do associativismo poderá

ser explorada em seus diversos âmbitos, conforme mencionado anteriormente e também criticado como uma urgência pelas participantes. A representatividade continua a ser direcionada para grupos específicos e privilegiados dentro da sociedade, revelando a demanda de reconfigurações no âmbito associativista, a fim de torná-lo mais inclusivo. Muitas mulheres lésbicas e bissexuais ainda não se sentem completamente representadas e também não sentem ou veem que as associações e os movimentos atuais representam completamente a toda a diversidade presente. Uma alternativa, conforme aponta a literatura, são as intersecções com os movimentos feministas, que segundo Ferreira (2015), têm oferecido mais abertura ao ativismo lésbico, sendo também uma oportunidade de abranger maior pluralidade feminina lésbica e bissexual.

Conclusão

Conforme supramencionado, este projeto buscou explorar as perspectivas de mulheres lésbicas e bissexuais acerca das suas participações em associações LGBTI+ em contexto português, com a finalidade de compreender como tais vivências influenciam na representação e integração social da população em questão. Verifica-se impactos, como: os desafios centrais vivenciados em suas jornadas pessoais e ativistas e os benefícios da partilha, essencialmente, entre mulheres de diferentes faixas etárias - embora não haja a participação de mulheres com mais de cinquenta e um anos, o que era desejável para alcançar maiores resultados no que toca às necessidades específicas das gerações mais velhas.

Os resultados revelam que tais participações e vivências são relevantes no sentido de pertença na sociedade, na construção de comunidades, e, também, na procura de pares como figuras de apoio e referência. Além disso, retratam o papel significativo e acolhedor representado pelas associações em estimular a coragem e a força do grupo na continuidade das lutas e em prol dos seus direitos e contra a discriminação em suas diversas esferas.

Dada a vulnerabilidade enfrentada pelas lésbicas na fase de envelhecimento (Bradford et al., 2016) o presente projeto também revela a importância da continuidade dos estudos acerca do processo de envelhecimento LGBTI+ em si, de forma a garantir que as mulheres lésbicas e bissexuais possam fazê-lo de forma saudável e segura, sem ansiedades e receios de serem maltratadas ou discriminadas em lares ou instituições que não respeitem a sua orientação sexual, identidade de género e necessidades específicas - a depender do contexto e das condições as quais estão circunscritas.

Conclui-se, portanto, que as associações e os coletivos caracterizam lugares propícios para o fortalecimento de laços entre diversas gerações de mulheres lésbicas e bissexuais. Entretanto, há desafios visíveis revelados, como é o caso da falta de referentes, invisibilidades e a pouca representatividade, apontadas ao menos por metade das participantes neste estudo. Ademais, em correspondência a outras investigações dentro da temática do associativismo LGBTI+ em Portugal, os dados encontrados demonstram que as associações têm constituído um ambiente de resistência, inclusão e afirmação. Portanto, se destaca a necessidade de maior intersecção e visibilidade do ativismo lésbico e bissexual (Ferreira, 2015) e a continuidade de interação entre as gerações diversas.

Referências Bibliográficas

- Ayoub, P., & Paternotte, D. (2019). Europe and LGBT Rights. *The Oxford Handbook of Global LGBT and Sexual Diversity Politics*, 152–167. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190673741.013.11>
- Bradford, J. B., Putney, J. M., Shepard, B. L., Sass, S. E., Rudicel, S., Ladd, H., & Cahill, S. (2016). Healthy Aging in Community for Older Lesbians. *LGBT health*, 3(2), 109–115. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2015.0019>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cascais, A. F. (2006). Diferentes como só nós. O associativismo GLBT português em três andamentos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (76), 109-126. <https://journals.openedition.org/rccs/868>
- Colling, L. (2014). Panteras e locas dissidentes: o ativismo *queer* em Portugal e Chile e suas tensões com o movimento LGBT. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 233-266. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000300009>
- Cova, A., Gorjão, V., Freire, I., Lopes, A. C., & Monteiro, N. (2022). *Mulheres e associativismo em Portugal, 1914-1974*. (Cap. 7 As organizações de mulheres nos movimentos de oposição ao Estado Novo (1945-1973), pp. 231-263). Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, E. (2015). Movimento Lésbico em Portugal: percursos e desafios. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, (34), 35-50. https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852015000200005
- Hagai, E. B. (2023). *Changes in Lesbian identity in the 21st century*. *Current Opinion in Psychology*, 49, 101508. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101508>
- Iacub, R., Arias, C. J., Mansinho, M., Winzeler, M., & Vazquez Jofre, R. (2017). *Sociocultural Changes and the Construction of Identity in Lesbian and Gay Elderly People in Argentina*. *Journal of Homosexuality*, 64(6), 682-697. <https://doi.org/10.1177/0091415019836928>
- Jabson Tree, J. M., Patterson, J. G., Beavers, D. P., & Bowen, D. J. (2021). What Is Successful Aging in Lesbian and Bisexual Women? Application of the Aging-Well Model. *The journals*

of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences, 76(7), 1371–1387.
<https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa130>

Kane, M. D., & Ayers, M. (2016). *LGBT Activism in North America*. The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegs538>

Lüchmann, L. H. H., Schaefer, M. I., & Nicoletti, A. S. (2017). Associativismo e repertórios de ação político-institucional. *Opinião Pública*, 23(2), 361-396. <https://doi.org/10.1590/1807-01912017232361>

Madeira, R. C. (2022). (Des)igualdade de género e feminismo em Portugal, o país que viveu a mais longa ditadura da Europa Ocidental. *FLUP – Artigo em Revista Científica Nacional*. <https://hdl.handle.net/10216/146221>

Martins, T. F. C. (2016). Orientações sexuais não normativas em duas gerações "(des)iguais": estudo exploratório sobre caminhos identitários não implicados no associativismo LGBT português. <https://hdl.handle.net/10216/85839>

Morris, B. J. (2009). *A brief history of lesbian, gay, bisexual and transgender social movements*. American Psychological Association <https://www.apa.org/topics/lgbtq/history>

Paula, M. C. C. M. (2021). Respostas das associações LGBT+ portuguesas face a violência doméstica em minorias sexuais. <https://hdl.handle.net/10216/138095>

Rosa, F., & Magalhães, M. J. (2018). A construção do conhecimento a partir de narrativas biográficas em militâncias queer-feministas. *Estudos de género: diversidade de olhares num mundo global*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123726/2/364669.pdf>

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de Recolha de Dados

A. Dados Sociodemográficos

Antes de começarmos a entrevista, gostaria de obter algumas informações ao nível sociodemográfico que me ajudarão a compreender melhor o contexto em que se enquadra. Estas informações serão utilizadas exclusivamente para perceber com maior riqueza as diversas experiências e perspetivas das pessoas participantes no estudo. No entanto, se alguma questão incomodar ou sentir-se desconfortável ao responder, sinta-se à vontade para saltar ou omitir essa questão.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

1. Qual é a sua idade?
2. Com qual género se identifica?
2. Qual é o seu estado civil/relacional?
3. Qual a sua zona de residência?
4. Qual é a sua área profissional?
5. Existe algum outro dado que pareça interessante partilhar?

B. Guião de Entrevista Semiestruturada

Enquadramento

Essa conversa é parte integrante e essencial de uma investigação de Mestrado em Psicologia, onde se exploram as experiências e as vivências de mulheres lésbicas e bissexuais, de várias idades, que participam em associações e coletivos LGBTI+. O objetivo central do estudo é entender melhor como a sua participação nesses grupos influencia a forma como se vê e se integra dentro da sociedade.

Gostaria de ressaltar que não há respostas certas ou erradas, apenas as suas experiências únicas e pessoais. E se, em algum momento, se sentir desconfortável ou não quiser adentrar algum tópico, poderá escolher não responder. Também estou disponível para conversar se surgir alguma dúvida ou preocupação adicional que sinta a necessidade de expor durante a entrevista.

Por fim, agradeço muitíssimo a tua colaboração, confiança e disponibilidade em partilhar a sua história.

INTRODUÇÃO

Para começar a conhecê-la melhor, fale-me um bocadinho sobre si.

- Como se descreveria se tivesse de usar três adjetivos apenas? Porquê?

TEMAS

1. Percurso pessoal

Como sabe, esta entrevista pretende conhecer a sua vivência e a sua experiência como lésbica que participa em associações/coletivos LGBTQ+.

- Poderia partilhar um pouco sobre a sua jornada pessoal e ativismo em comunidades lésbicas?

2. Coming out/Percurso de aceitação

- Como sente que tem sido a experiência de *coming out* e de falar sobre a sua orientação sexual ao longo da sua vida?
- Sente que se tem alterado com o passar do tempo?
- Considera que este percurso tem sido/teve momentos de maior isolamento e solidão?

3. Associativismo/A Associação

Refletindo agora mais concretamente sobre esta sua participação e associativismo.

- Qual foi a sua principal motivação para se envolver numa associação de mulheres lésbicas/bissexuais?
- O que significa, para si, pertencer à associação?
- Porque se identifica com esta associação? Quais são os princípios centrais da associação para si?
- Como descreveria a associação a que pertence?
- De que forma estar integrada numa associação influencia na sua vida social e comunitária?

4. Representatividade

- Sente-se representada pela associação?
 - [Se sim] Sente que esta representatividade tem sido uma constante?
 - [Se não] O que a motiva a manter esta ligação?
- Quais os principais desafios que encontra nesta representatividade?
- E principais oportunidades?

5. Interação intergeracional

Olhando agora à interação com outras pessoas da associação/coletivo.

- Qual a sua opinião sobre a aceitação e reconhecimento social das outras mulheres, especialmente as mais velhas, que também fazem parte desta ou de outras associações?
- Existem desafios específicos e/ou benefícios dentro da interação entre mulheres lésbicas de diferentes faixas etárias/gerações em atividades associativas?
- [Se mais nova; <45 anos] Como antecipa o seu futuro no seio do associativismo?

[Se mais velha; >45 anos] Acha que a sua participação tem variado ao longo do tempo?
Em que sentido?

FINALIZAÇÃO

Existe alguma outra questão que sinta que não foi identificada e que gostaria de explorar?

Obrigada!

Anexo 2 – Consentimento Informado

No âmbito da realização de uma Dissertação de Mestrado acerca das experiências de associativismo por mulheres LGBTI+ de diferentes faixa etárias e o impacto percebido na representação e integração social destas mulheres, conduzido pela estudante Paola Lucia Lopes Silveira, estudante de Mestrado em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e sob a orientação da Doutora Sara Isabel Magalhães, solicita-se a sua colaboração através da resposta a uma entrevista.

Ao participar desta investigação, confirma ser uma mulher adulta (com idade igual ou superior a 18 anos), lésbica ou bissexual, de nacionalidade portuguesa ou residente em Portugal há 10 ou mais anos e com experiência de associativismo (e.g. participação em associações e coletivos LGBTI+).

Confirma ainda que autoriza que a mesma seja gravada, de forma que seja possível uma posterior análise e transcrição dos dados. Ao considerar que o trabalho é de natureza académica, garante-se que todos os dados recolhidos serão utilizados somente para fins de investigação. As gravações serão destruídas após a transcrição das entrevistas, e, a sua identidade permanecerá em anonimato. Salvaguarda-se, assim, a confidencialidade total das participantes e o carácter voluntário da participação, sendo possível desistir a qualquer momento e sem qualquer implicação.

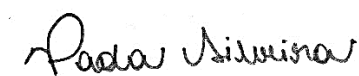
Após a conclusão da presente investigação, os resultados serão devolvidos de forma acessível. Será informada sobre as principais linhas de análise e sobre os resultados obtidos. Para além disso, a dissertação produzida poderá ser, caso o solicite, partilhada consigo ou outras partes interessadas que considere relevantes (e.g. organizações LGBTI+).

Por fim, poderá, a qualquer momento, entrar em contacto com a equipa de investigação no contacto indicado abaixo, caso deseje que as suas respostas sejam retiradas do estudo ou se houver qualquer questão adicional.

Agradeço a colaboração, disponibilidade e confiança em partilhar a tua história,

Paola Silveira

up201902225@edu.fpce.up.pt



Assinatura da estudante investigadora

Assinatura da participante

Data: __ de _____ de 2024.

Anexo 3 – Arte para Divulgação das Entrevistas



**CONVITE DE PARTICIPAÇÃO
EM ESTUDO DE MESTRADO**

Associativismo por mulheres **LGBTI+**

ÉS ATIVISTA LGBTI+?! CONVIDO-TE A PARTICIPAR NUMA **ENTREVISTA**
PARA UM ESTUDO QUE VISA EXPLORAR AS **EXPERIÊNCIAS DE**
ASSOCIATIVISMO LGBTI+ DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS
DE DIVERSAS FAIXAS ETÁRIAS.

QUEM PODE PARTICIPAR?

MULHERES ADULTAS (+18 ANOS)
PARTICIPANTES EM
COLETIVOS/ASSOCIAÇÕES LGBTI+

LÉSBICAS OU BISSEXUAIS

NACIONALIDADE PORTUGUESA
(OU RESIDENTE EM PORTUGAL
HÁ 10+ ANOS)

MODALIDADE

IDEALMENTE PRESENCIAL

ENVIA A TUA DISPONIBILIDADE PARA

up201902225@up.pt

